

DISCURSO RELIGIOSO NA TELEVISÃO Religious Discourse on Television

Ines Maria Pacheco AROUCHE* (Universidade de Mogi das Cruzes – UMC)

Abstract

The purpose of this study is to analyse the process of discursive construction in a television debate involving the participation of followers of different branches of evangelic religions. The theoretical line in which this analysis is situated is Discourse Analysis of French orientation, in the segment linked to Enunciation Theory. Based on the selected corpus, we aimed at demonstrating that the reported speech and the TV reports may have an identical function in the articulation of the discursive scene that is installed in the programme.

Key-words: *debate; evangelism; discourse; scene.*

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar o processo de construção discursiva articulado em um debate pela televisão com a participação de adeptos de diferentes ramos de religiões evangélicas. A linha teórica em que se insere esta análise é a Análise do Discurso de orientação francesa, na vertente ligada à Teoria da Enunciação. A partir do corpus selecionado, buscou-se demonstrar a possibilidade de se postular idêntica função para o discurso relatado e para as reportagens inseridas no programa, na articulação da cena discursiva que se instaura.

Palavras-chave: *debate; evangelismo; discurso; cena.*

1. Introdução

Este trabalho¹ busca investigar a construção discursiva articulada pelo discurso religioso em um debate realizado em novembro de

* Doutoranda em LAEL – PUC-SP.

¹ A análise aqui proposta é uma retomada de parte de minha dissertação de Mestrado: “Construção Discursiva – Mídia e Religião em debate na TV”, defendida na PUC – SP em novembro de 1999, no programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem.

1995 pela Rede Record de Televisão entre pastores evangélicos reunidos para debater episódio polêmico – que veio a ser conhecido como “o chute na santa” –, que envolvera um representante da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O protagonista do episódio, um dos representantes mais importantes dessa igreja, resolvera protestar contra a existência de um feriado nacional dedicado a Nossa Senhora Aparecida e, em seu programa de televisão, aparecera agredindo verbal e fisicamente uma imagem da santa.

Na construção discursiva decorrente das participações dos debatedores observou-se a constante inserção de outros discursos, sob forma de citações, exemplos, fragmentos de notícias da imprensa, tanto escrita, quanto televisiva.

É nossa hipótese que essas inserções do discurso do outro possibilitam a construção de diferentes planos enunciativos (Benveniste, 1995) que colaboram para a construção de uma cenografia (Maingueneau, 1993) ao mesmo tempo una, por se originar da enunciação que se processa no debate em questão, e heterogênea e pluridimensional, por ser constituída por outras diferentes enunciações, chamadas a participar do debate e nele compartilhando de igual estatuto na composição dessa cena. Como resultado, ouve-se uma multiplicidade de vozes em uma simbiose de discurso citado e de discurso citante (Authier-Revuz, 1998), em um diálogo em diferentes níveis, construído pelos próprios debatedores, pelos debatedores e participantes de reportagens inseridas no decorrer do programa e pelos próprios participantes das reportagens entre si.

2. Televisão: encontro e multiplicação de linguagens

Os meios de comunicação cumprem papel de natureza extremamente importante dada sua capacidade de penetração diária na vida do indivíduo, sendo um fato irrefutável seu poder na alteração das relações e dos costumes da sociedade após seu advento. Conceitos como distância e proximidade se relativizam, o acesso aos fatos se agiliza.

Dans nos sociétés modernes de masse, la scène politique est constituée en temps ordinaire par une production et une distribution médiatisées, et par une consommation individualisée ou interindividuelle qui suscite une interdiscursivité conversationnelle. Cette ‘médiatisation’ du politique n’est pas sans conséquences. Les médias IMPOSENT (grifo nosso) en effect leurs contrats de communication (Chabrol & Camus-Malavergne, 1994: 07).

Entre os veículos de comunicação situa-se a televisão de maneira indiscutivelmente destacada, ao modificar o comportamento social e ao se inserir como elemento definitivo na alteração do funcionamento das instituições. As relações humanas vieram a sofrer, a partir do advento desse código eletrônico, profundas modificações, tendo seu surgimento imprimido nova dimensão às possibilidades de comunicação e atribuído novo dinamismo ao acesso à informação.

Teóricos como Wolton (1996) estabelecem que, ainda que se possa apontar a televisão como fator de desagregação do coletivo, por provocar o enfraquecimento dos laços sociais e por possibilitar uma recepção individualista e isolada da mensagem, ela pode ser considerada como elemento altamente agregador. Para justificar sua assertiva, o autor afirma: “...ao assistir à TV, (o indivíduo) agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste ao mesmo tempo, estabelecendo, assim, com ele uma espécie de laço social, especular e silencioso” (Wolton, 1996: 108).

Define-se a televisão, dessa forma, como típico veículo de comunicação de massa, segundo conceito proposto por Eco:

Comunicação de massa ocorre quando a fonte é única, centralizada e estruturada de modo industrial; o canal é um artefato tecnológico que influi sobre a própria forma do sinal; e os destinatários são a totalidade (ou um número muito grande) dos seres humanos, em diferentes partes do Globo (Eco, 1984: 171).

A linguagem televisiva, além disso, contribui para a caracterização de novo ritmo da comunicação, evidenciando seu potencial dialógico. Por meio dela, expandem-se as possibilidades de instâncias

enunciativas, o que, paradoxalmente, favorece o surgimento de um único plano enunciativo mais amplo, por ser global. Noções como espaço e tempo se relativizam, a comunicação se processa em um contato contínuo e incessante entre interlocutores, o discurso torna-se ainda mais complexo e variável.

Conforme Santaella (1996), ao se apresentar como meio de representação do cotidiano, a televisão, ao mesmo tempo, recria esse cotidiano, na medida em que atribui aos fatos seu modo de segmentar a realidade, produzindo mensagens estruturalmente complexas que passam a compor um reflexo daquilo que retrata. Ao fazê-lo, no entanto, opera de maneira sógnica: é a realidade que está sendo representada, mas simultaneamente é apenas uma realidade especular. Fatos e informações são, na realidade, simulacro da realidade que se esconde ou se deturpa.

Como decorrência dessas características, também o discurso se tece de maneira complexa: “as mensagens das mídias se engendram na coexistência de várias linguagens, o nível sintático não se reduz à relação de signo a signo de um mesmo código, mas de sistemas de signos diversos em interações sempre mutáveis e de difícil sistematização” (Santaella, 1996: 47).

Essa sintaxe complexa da linguagem televisiva influencia também a construção discursiva verbal que se produz em seu contexto.

Charaudeau (1996) propõe que se busque uma articulação entre um componente lingüístico, que opera com material verbal, estruturado de acordo com princípios que lhe são próprios, e outro situacional, que busca definir a função de ator social e de sujeito comunicante. Nesse sentido, ocorre uma ligação constante entre contratos de comunicação que permitem uma tipologia cada vez mais específica de discurso.

3. O discurso religioso via TV

Ao assumir como palco o cenário televisivo, a religião passa, por conseguinte, a adquirir um contorno específico decorrente do hibridismo de linguagens ali presentes. O credo, veiculado nesse con-

texto, assume todas as suas características: não é a religião que está em cena, mas um seu duplo, uma reconstrução. A televisão, por sua vez, passa a representar “...vestígio do que é sagrado, de quem as tribos modernas esperam todo tipo de benefícios. É a nova religião” (Ferrés, 1994: 7).

Poder-se-ia imaginar que a televisão não se constitui no meio mais adequado para a divulgação religiosa, que pressupõe, em essência, “um meio do *religare* do homem com Deus e consigo próprio – meio em que a interação face-a-face é algo constantemente almejado” (Fonseca, 1997: 87).

Entretanto, o que se pode verificar é sua potencialidade como elemento favorecedor da experiência religiosa na atualidade, ao representar uma forma possibilitadora da vivência religiosa da coletividade de acordo com moldes propostos pela comunicação moderna.

Pode-se, por conseguinte, propor uma compatibilidade entre religião e televisão: ambas têm como mola propulsora o fato de dirigirem-se a grande número de pessoas. Nada mais natural, portanto, que um veículo de comunicação de massa como a televisão seja adotado como meio de difusão de uma religião que pretende atingir número cada vez maior de pessoas; portanto, religião de massa.

A utilização de recursos midiáticos pela religião representa, na realidade, processo de comunicação de que ela lança mão em âmbito internacional desde o início do século, quando o rádio tornou-se veículo de difusão de preceitos religiosos. Embora outras religiões também fizessem uso desse recurso de divulgação, foram, predominantemente, as religiões protestantes que se serviram desse canal de comunicação.

A denominação “igreja eletrônica”, usada para indicar o uso da TV para a difusão de credos religiosos, surge nos Estados Unidos, no início da década de 70. Profundamente cientes do potencial comunicativo da televisão, os “televangelistas” (Gutwirth, 1998: 212) adotam-na como espaço de evangelização, onde pregadores se posicionam simultaneamente como comunicadores de televisão.

No debate por nós analisado, observa-se essa preocupação em defender um partidário da doutrina evangélica, ao mesmo tempo em que parece evidente existir um igualmente visível interesse dos debatedores em procurar defender a imagem da Record como emissora de televisão promotora do debate e que pretende ter posição representativa na mídia televisiva. A esse propósito, relembremos a estreita ligação existente entre a Igreja Universal e a Rede Record de Televisão:

CA – “... a gente tem que aproveitar essa *oportunidade que Deus nos deu* de termos a Rede Record de televisão...” (63)²

CA – “... na rede Record e o Ibope subindo esse é o problema da Globo...” (195)

CA – “...durante este programa nós vamos discutir o que está acontecendo *patrocinado pela rede Globo de televisão...*” (1)

BG – “... o programa...*deu traço no Ibope...*” (47)

Através do fragmento acima, percebe-se a tentativa dos debatedores CA e BG de apontar a concorrência crescente, representada pela Record (...*o Ibope subindo...*), como a causa da divulgação dada pela Globo (...*patrocinado pela Globo...*) ao episódio que, não fosse a empresa concorrente, não teria tido maior repercussão, dada sua audiência, definida como *traço*.

Por outro lado, a indicação da concessão do canal de televisão é apontada como ...*oportunidade que Deus nos deu...*, o que os obriga a defendê-la. Sagrado e profano se entrelaçam em um todo único: a defesa da emissora será um indicativo da defesa de sua fé e de Deus.

Se, por um lado, existe esse diálogo entre os participantes, no que diz respeito à finalidade do debate, cabe a BG a definição da televisão como espaço discursivo.

O ‘espaço discursivo’... delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados.(Maingueneau, 1993: 117).

² Os números referem-se aos turnos de fala do debate, conforme transcrição na dissertação mencionada.

É o discurso de BG que deixa entrever de maneira constante a ambientação da cena discursiva na televisão, que Charaudeau (1996) define como “suporte”³ para o discurso que ali se processa. É essa circunstância espacial que, possivelmente, impõe a esse enunciador fundamentalmente o papel de homem da televisão em detrimento de sua função religiosa. Como conseqüência, suas participações abordam de maneira preponderante a questão da televisão, seja ao dirigir a ação que aí se desenrola, seja ao constantemente atribuir à Rede Globo a responsabilidade pela divulgação do episódio de agressão à imagem católica. Vejamos os fragmentos que se seguem:

BG – “...*nós vamos chamar uma matéria* e essa matéria é muito forte porque nós *vamos mostrar* a jogada da Rede Globo de televisão a armação da Rede Globo porque eles pegaram a imagem do bispo Sérgio Von Helde no programa O Despertar da Fé...” (10)

BG – “... *a Globo não quer paz eles querem...a instauração de uma guerra santa* eles querem colocar a seguinte mensagem pra todo mundo engolir a Igreja Universal do Reino de Deus está desestabilizando as instituições religiosas no nosso país...” (13)

BG – “... você daqui a pouco *vai assistir...*” (10)

BG – “...*vamos à imagem...*” (47)

Nota-se, nos exemplos acima e em muitos outros (ver abaixo), a presença constante de itens lexicais, verbais ou nominais, que evidenciam a televisão como instância onde se produzem enunciados. Verbos ou locuções verbais como *vamos assistir*, *vamos ver*, *vamos mostrar*, *vou chamar a matéria* estimulam que todos compartilhem dos recursos propiciados pela televisão; a forma verbal “vamos” é um convite para que todos, debatedores e telespectadores, assistam às *matérias*, *imagens*, *fitas* que lhes fornecerão dados mais conclusivos e consistentes sobre os fatos:

³ Denominação proposta por Charaudeau (1996:39) para designar os meios de que se pode lançar mão para a produção discursiva, principalmente na mídia.

vamos ouvi-la...
vamos então à imagem...
vamos chamar a matéria...
vamos aos fatos...
vamos às imagens...
vamos ver agora...
vamos assistir...
vamos lá...
vamos ver (ouvir) o comentário...
vamos ver e ouvir...
vamos ver então...
vamos lá então à matéria...
vamos ver se é a matéria mesmo...
vamos agora às imagens...

4. A construção discursiva

É possível constatar na cena do debate em análise, como já dissemos, marcas a evidenciar a presença de outras vozes constitutivas do discurso que ali se efetiva:

BG – “bom nós temos uma terceira entrevista vamos ah imediatamente à terceira entrevista vamos lá.” (155)

Entrevistado – “eu vinha lá de trás quando o pastor Sérgio pediu falando pra eles que não podiam entrar por ser igreja aqui ser igreja aí quando eu cheguei eu até falei com eles olha não pode entrar porque é proibido reportagem câmera fotográfica aqui dentro da igreja...” (157)

Podem ser nitidamente comprovadas acima as presenças de enunciadores a comporem o discurso: E1 que, fazendo uso do “nós”, convida para que se assista à entrevista; E2, enunciador responsável pelo que é dito no espaço discursivo da entrevista e que, fazendo uso de um discurso direto passa a relatar o acontecido. Com isso, permite o surgimento de E3, que fala sobre a proibição de se entrar na igreja: “...eu falei ‘olha não pode entrar por que é proibido reportagem câmera fotográfica aqui dentro da igreja’...”.

Se cada enunciado é constituído por várias vozes, o mesmo acontece quando se leva em consideração toda a situação de enunciação que, como um macro-enunciado, resulta de uma composição de múltiplos enunciados, justapostos ou sobrepostos uns aos outros.

No debate em análise, é a presença do *DISCURSO RELATADO* que, preponderantemente, trabalha para a interposição de planos e suas diferentes vozes. Como forma de argumentar persuasivamente, outros discursos são inseridos para a demonstração, comprovação ou exemplificação do dito.

Como resultado da interposição desses discursos, estabelecem-se, destarte, dois planos discursivos, definidos por Benveniste (1995) como “discours” e “récit” e, posteriormente, redefinidos como plano embreante⁴ e não-embreante por Maingueneau (1991) na *Análise do Discurso*. No primeiro, situam-se os enunciados circunscritos à instância primeira de enunciação, dotados de embreantes que os vinculam à própria enunciação. Já no segundo, encontram-se aqueles instaurados por aquela instância de que derivam.

O discurso em análise manifesta-se, no entanto, no espaço da televisão, e esse é um dado que deixa marcas em sua constituição (Chabrol, 1991). Essa circunstância espacial também permite nova construção de planos por meio das reportagens inseridas como comprovação da argumentação elaborada pelos debatedores:

BG – “...bom mas tem mais por favor continue a fita porque tem outras pessoas e tem uma que o senhor vai...eu *gostaria que todos assistissem vamos lá.*”(144)

Entrevistado (Pastor Sérgio) – “bom Bispo Gonçalves aconteceu que assim que acabou a reunião eu vim saber o que estava acontecendo tinha um alvoroço e no momento estava a imprensa...infelizmente também a Rede Globo principalmente a Rede Globo estava dentro da igreja...” (145)

⁴ Termo criado por Jakobson (1963) para indicar os elementos responsáveis pela definição de pessoa, espaço e tempo na enunciação.

No fragmento acima, constatamos a presença de um enunciador que convida os telespectadores (*todos*) a assistirem à fita em que faz entrevista com um dos representantes da IURD. É esse convite, expresso pela locução *vamos lá*, que permite a inserção da reportagem onde novo enunciador dialoga com seu co-enunciador que, colocando-se como testemunha dos fatos, passa a falar sobre eles.

Podemos dizer, dessa forma, como resultado da análise dos fragmentos selecionados, que toda a cena enunciativa do debate será composta por essa constante intercalação de planos que definem o espaço discursivo a ser ocupado pelos diferentes locutores.

5. Uma trama complexa e heterogênea

Reiterando o que já foi dito, ocorre uma constante alternância de vozes constitutivas do discurso presente no debate, vozes essas originárias de planos discursivos diferenciados que se completam dialogicamente, permitindo a configuração de um espaço de interlocução complexo. É nossa intenção, entretanto, demonstrar que se dá a tessitura de várias cenografias⁵ resultantes da ocorrência da mescla entre discurso citante e discurso citado. Acrescente-se, além disso, que essa alternância entre os diferentes planos de enunciação não se processa de maneira semelhante em todos os momentos de sua ocorrência. Pode-se, na verdade, verificar uma construção discursiva de níveis diferenciados e crescentemente complexos, conforme procuramos evidenciar a seguir.

(a) Alternância simples entre enunciadores

A alternância dialógica entre enunciadores presentes nos planos do discurso citante e do discurso citado permite observar a construção de vários momentos de enunciação em que E1 (enunciador citante) ora cede lugar a E2 (enunciador citado), ora permanece em cena, po-

⁵ Conceito elaborado por Maingueneau (1991) para se referir à cena instituída por um discurso.

rém relatando fatos acontecidos em um momento discursivo passado. É o discurso direto que permite a ocorrência da primeira situação, enquanto que aquela feita em discurso indireto dá origem ao segundo tipo de manifestação discursiva.

O enunciador presente no discurso citante, ao querer comprovar suas alegações, faz uso de repetição *ipsis literis* das palavras originais do discurso citado, ou seja, sob forma de discurso direto; com isso, permite que se coloquem em cena enunciadores independentes daqueles que possibilitaram sua presença.

BG – “bom a título de esclarecimento... eu vou colocar aqui pra você pensar você que está em casa olha a declaração do delegado ‘*agora além dos problemas mais comuns temos ainda mais esse*’ lamentou ele, um católico convicto bom aí vem ele e diz assim ‘*também nenhuma das duas partes registrou queixa por danos físicos portanto apenas o crime de vilipêndio será investigado*’...” (09)

Observamos, aqui, um deslocamento de planos a comporem uma cenografia. De um lado temos E1 que, por meio da marca de pessoa *eu*, se coloca como responsável pelo que é dito e que, fazendo uso do verbo *vou*, situa temporalmente como presente seu momento de enunciação. O emprego do dêitico *aqui* permite que se defina a circunstância espacial que circunscreve o momento da enunciação – o do debate.

No entanto, e como que querendo convencer (...a título de esclarecimento...) seu co-enunciador *você* sobre a veracidade do que fala – as injustas acusações a membros da IURD –, busca como que um testemunho dos fatos. Para isso se desloca para o passado, com o emprego de verbo marcado temporalmente *lamentou* e, fazendo uso de verbos dicendi *olha a declaração / diz*, permite que E2 ocupe o espaço discursivo. A identificação de E2 como *...delegado... / um católico convicto...* confere a suas declarações credibilidade, tanto do ponto de vista religioso quanto legal. Dessa forma, sua opinião sobre as acusações impostas a membros da Universal (...*nenhuma das partes registrou queixa...*) ganha força e legitimidade e contribui, portanto, para o objetivo de E1, que é o de defender os fiéis de sua igreja.

(b) A construção discursiva pela televisão

Não é diferente daquele acima mencionado o processo pelo qual a televisão elabora seu discurso. Nesse contexto, pode-se observar, igualmente, o cruzamento constante de instâncias enunciativas, originárias de planos diversos e decorrentes da fala dos participantes de cada programa, ou das reportagens ilustrativas inseridas com o objetivo de fornecer esclarecimentos.

Para Lochard (1996), também na televisão ocorre uma interposição de vozes resultantes da inserção de reportagens que, numa “interação dinâmica” (Bakhtin, 1995) passam a compor a cadeia discursiva.

(...) o tratamento do discurso relatado é, por conseguinte, uma questão de relação de força, de poder, entre dois tipos de enunciadore, um enunciador primário (a testemunha ou o ator de um acontecimento) e um enunciador secundário (o sujeito relator– jornalista que se apropria desse discurso, só reproduzindo certos elementos integrados em uma enunciação única, a dele) (Lochard, 1996: 73).

Observa-se, dessa forma, que, quando da inserção de reportagem, também ocorre um desdobramento da instância enunciativa, colaborando para a construção de uma cenografia esquematizada pelo gráfico abaixo:

BG – muito bem *vamos agora chamar* o que aconteceu em Brasília...mais uma armação...porque a Rede Globo está sempre encabeçando tudo...” (83)

BG –“ olha bom vamos fazer o seguinte *vamos chamar a matéria* de Brasília e *vamos aos fatos* do que aconteceu lá no distrito federal” (98)

(imagem da Rede Globo / Jornal Nacional)

Cid Moreira – “ pancadaria num templo da Igreja Universal do Reino de Deus em Brasília (99)

Lilian W. Fibbe – “pancadaria num templo da Igreja Universal

do Reino de Deus em Ceilândia no Distrito Federal...uma imagem de Santo Antônio queimada num terreno ao lado do templo revoltou um grupo de moradores. (100)

Também aqui, E1 (BG) procura demonstrar a veracidade de suas alegações (*a armação da Rede Globo*). O emprego do *nós* exclusivo, revelado sob a forma verbal *vamos* (BG + Record), revela sua função de representante da instituição que procura defender. Com essa finalidade, insere outra situação de enunciação. A utilização das locuções verbais *vamos chamar/vamos aos fatos*, por E1, permite o surgimento de E2 – a Rede Globo –, que ocupa a cena e passa a relatar episódio em que a IURD novamente é responsabilizada pela agressão a outro santo católico (*...uma imagem de Santo Antônio é queimada num terreno ao lado do templo...*).

Podemos verificar, portanto, que a inserção do discurso do outro resulta de procedimentos diversos, mas de idêntica função: a de permitir o surgimento do discurso de outro enunciador cujas palavras representem testemunho favorável às alegações do enunciador do discurso citante. Dessa maneira, tanto o discurso relatado propriamente dito, quanto a inserção de reportagens, com a interposição de outros discursos sob forma direta, colaboram para a construção de um espaço discursivo constituído em círculos complementares e sobrepostos.

A interposição do discurso do outro permite, além disso, que os sujeitos discursivos assumam novos papéis. Pode-se observar o enunciador procurando comprovar o alegado e, com esse objetivo, fazendo referência à outra situação de enunciação em que relata suas próprias palavras. Parece-nos válido apontar, por conseguinte, a ocorrência de uma construção discursiva em que enunciadores deslizam entre diferentes planos.

CA – “...ainda esta semana mandei uma carta lá pro doutor Roberto Marinho *dizendo* isto ‘quando uma pessoa católica e não é nenhum desrespeito aos católicos é gente boa é é gente boa o problema é a Globo mas quando um católico comete um crime um espírita comete um crime nenhum jornal nenhuma revista *coloca* católico cometeu crime mas se um evangélico

comete um crime como um ser humano igual aos outros logo *vem escrito* em letras garrafais ‘evangélico comete crime’ como se só o evangélico fosse criminoso’...” (63)

Em um processo argumentativo, observa-se a tentativa de convencimento do enunciador, a qual resulta na construção de uma cenografia constituída por três espaços discursivos convergentes no recorte acima mencionado:

Espaço 1 – aqui a enunciação acontece dentro da esfera do debate propriamente dito. Nela, E1 (CA), colocando-se como voz dos evangélicos e pretendendo demonstrar a perseguição de que estes são vítimas, por causa da incitação estimulada pela Globo, cita documento de sua própria autoria (...*mandei uma carta pro doutor Roberto Marinho...*). A utilização do verbo dicendi *dizendo*, seguido do índice de ostensão *isto* permite, por outro lado, que a cena discursiva se desloque em seguida para outro espaço de enunciação.

Espaço 2 – CA, agora assumindo o papel de E2, e remetendo-se para o passado (*mandei*), se coloca como responsável pela carta em que argumenta sobre a parcialidade das notícias que se referem aos partidários das religiões de cunho evangélico. Parece ficar evidente a intenção do enunciador de convencer seu co-enunciador sobre a boa vontade em relação aos católicos (...*os católicos é gente boa...*) e sobre a responsabilidade da mídia, ao se colocar de maneira negativa em relação aos evangélicos. Se a mídia é a culpada, e nela se situa a Rede Globo, a ela cabe a responsabilidade pela polêmica entre católicos e evangélicos. Fazendo uso de *vem escrito*, permite que se visualize aquilo que os jornais dizem. O emprego de *garrafais* qualifica o destaque que os órgãos da imprensa dão a notícias que envolvam evangélicos e que recebem tratamento diferente daquele que é dado às notícias que envolvam fiéis de outras religiões (...*nenhum jornal nenhuma revista coloca católico comete crime...*).

Espaço 3 – E3, aqui representando a voz da mídia, constrói seu espaço discursivo em que noticia de fato, e de maneira assertiva e parcial, suposto crime cometido por evangélico ...*evangélico comete crime...* .

Dessa forma, podemos perceber a tentativa, articulada pelo enunciador, de demonstrar sua inocência em relação à agressão à imagem de Nossa Senhora; os órgãos da imprensa e, entre eles, principalmente a Rede Globo, são os responsáveis pela exagerada repercussão que o episódio provocou.

Essa construção crescentemente complexa de espaços enunciativos também ocorre quando o participante do debate, BG, de acordo com seu papel de apresentador do debate, procura fazer uso de todos os meios que possibilitem o esclarecimento do telespectador. Ao fazê-lo, e de acordo com sua inserção no contexto da televisão, faz constantes inserções de reportagens que procurem tornar clara a argumentação favorável à IURD.

Temos condições, novamente, de observar que a inserção de reportagens também permite que um enunciador, procurando comprovar suas alegações, reproduza suas próprias palavras ocorridas em um outro espaço discursivo. Isso não se dá, no entanto, com a mera repetição de suas palavras, mas com a inserção de reportagens por ele mesmo protagonizadas. Temos condições de *visualizar*, então, um deslizamento do *eu* discursivo, só possível de acontecer no espaço da televisão, suporte para a construção discursiva que aí se manifesta.

BG – “*Vamos ver* então agora a reportagem com os pastores hoje *eu estive* lá em Brasília em Ceilândia...para *ver o que realmente aconteceu...*” (139)
(imagens)

BG – “*Nós* estamos aqui na Igreja Universal do Reino de Deus em Ceilândia onde na última sexta-feira aproximadamente cem pessoas invadiram a igreja...vamos saber com o Pastor Marcel que é o responsável pela Igreja como tudo aconteceu.” (140)

P. Marcel – “É Bispo Gonçalves...uma pessoa nos comunicou que havia um alvoroço no salão provocado porque di...di...diziam que era uma imagem que estava na igreja...” (141)

Nessa construção de espaço discursivo, observamos a presença de três enunciadores:

- (a) E1 (BG) que, com o emprego do dêitico *eu*, se coloca como responsável pelo relato do fato passado que se propõe a narrar (conforme o atesta o emprego da forma verbal passada *estive*). Novamente, de acordo com seu papel de coordenador do debate, convida a todos (debatedores e telespectadores) a assistirem à reportagem (...*vamos ver então agora a reportagem...*) com que pretende estabelecer a veracidade de novas acusações contra Universal (...*ver o que realmente aconteceu...*).
- (b) E2 (BG no papel de repórter) que, ao se colocar discursivamente por meio de *nós* exclusivo (TV Record + Universal), permite-nos entrever a duplicidade de papéis por ele representada: é o enunciador que, sem abandonar seu papel de líder da Universal, se coloca como repórter para, dessa forma, verificar o que “*realmente*” aconteceu. Essa dupla função contribui para atribuir seriedade à comprovação dos fatos: não é apenas um repórter da TV, mas o bispo da Universal que se dispõe a verificar pessoalmente a veracidade dos fatos. Com o convite para que se escute o testemunho que se segue (...*vamos saber...*) permite, assim, o surgimento de novo enunciador, representado pelo entrevistado.
- (c) E3 (Pastor Marcel), que passa, em seguida, a relatar o que aconteceu.

O fragmento acima analisado nos permitiu, por conseguinte, comprovar o deslizamento do sujeito discursivo que, assumindo diferentes espaços, passa a representar diferentes papéis.

Como dado complementar, mas extremamente significativo, cumpre observar que E2, ao se dispor a investigar *o que realmente aconteceu*, cita depoimento de E3, que também pertence à IURD; a intenção de verificar a veracidade dos fatos é, dessa forma, comprometida pela possível parcialidade do testemunho selecionado.

A análise das manifestações discursivas que constituem o debate revela que, longe de restringirem-se a situações em que se observa como que uma troca entre interlocutores que ocupam turnos alternados

de fala, na verdade o que ocorre é a interposição constante de uma multiplicidade de vozes em um coro polifônico. Originárias de diferentes momentos e de espaços discursivos diversos, essas vozes se fazem ouvir e caracterizam uma heterogeneidade extremamente complexa.

Evidencia-se, no entanto, a heterogeneidade do discurso em análise, quando o discurso, sob forma direta ou indireta, não se limita àquele produzido pelos enunciadores-debatedores, mas ocorre também no discurso dos enunciadores presentes nas reportagens do programa que, em um encadeamento, dão origem a múltiplos espaços de enunciação.

Enviado em: 05/2000. Aceito em: 10/2002.

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. 1998 Observações no campo do discurso relatado. IN: *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Trad. C. R. Castellanos et alli. UNICAMP. 133-161.
- BAKHTIN, M. 1995 *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ª ed. Trad. M. Lahud, Y. F. Vieira. Hucitec.
- BENVENISTE, E. 1995 O homem na língua. IN: *Problemas de lingüística geral*. 4ª ed. Trad. M. G. Novak, I. N. Salum. Pontes.
- CHABROL, C. 1991 *Strategies dans la gestion des interactions discordantes*. Communication présentée au Coloque Analyse des interactions. Aix-en-Provence, mimeo.
- _____ & CAMUS-MALAVERGNE, O. 1994 Un discours politique en reception, mémorisation e compréhension: discours politique, médias e rhétorique. *Mots*, **40**: 7-24.
- CHARAUDEAU, P. 1996 Para uma nova análise do discurso. IN: A.D. Carneiro (org.) *O discurso da mídia*. Trad. A. D. Carneiro. Oficina do Autor.
- ECO, U. 1984 *Viagem na irrealidade cotidiana*. Nova Fronteira.
- FERRÉS, J. 1994 *Televisão e educação*. Artes Médicas.
- FONSECA, A.B. 1997 Além da evangelização: interpretações a respeito da presença das igrejas evangélicas na mídia brasileira. *Comunicação e política*, **IV.2**: 81-116.

- GUTWIRTH, J. 1998 Construction médiatique du religieux. La dynamique de la télévision et la religion des télévangélistes. *Horizontes Antropológicos*, **8**: 213-225.
- JAKOBSON, R. 1963 *Essais de linguistique générale*. Éd. du Seuil.
- LOCHARD, G. 1996. Discurso e informação televisionada: evoluções estratégicas. IN: A.D. Carneiro (org.) *O discurso da mídia*. Trad. M. L. Ramiarina, L. Vilanova. Oficina do Autor.
- MAINGUENEAU, D. 1991 *L'enonciation en linguistique française*. Hachette.
- _____. 1993 *O contexto da obra literária*. Trad. M. Appenzeller. Martins Fontes.
- SANTAELLA, L. 1996 *Cultura das mídias*. Experimento.
- WOLTON, D. 1996 *Elogio do grande público – uma teoria crítica da televisão*. Ática.

Ines Maria Pacheco Arouche has a Master's degree in Applied Linguistics and Language Studies from the Catholic University of São Paulo. She concluded her dissertation about Religious Discourse on Television in 1999. At present, the author is a professor in the Language Course at the University of Mogi das Cruzes and is developing her doctorate research about the authorship of discourses built by the Internet.